

CHARLES DICKENS

A VIDA E AS AVENTURAS DE NICHOLAS NICKLEBY

Traduzido do inglês (Inglaterra) por
Mário Costa Pires, Aurora Rodrigues e Francisco Silva Pereira

Ilustrações de
Hablot K. Browne «Phiz»

Posfácio de
G. K. Chesterton



Capítulo I

Num lugar retirado do condado de Devonshire viveu em tempos um cavalheiro respeitável chamado Godfrey Nickleby, a quem, já um pouco tarde, se meteu na cabeça a ideia de casar e, não sendo muito novo, nem suficientemente rico para aspirar à mão de uma senhora com fortuna, teve de se contentar com uma mulher que se encontrava nas mesmas condições, e que, por sua vez, o desposou pelas mesmas razões. Assim, não podendo jogar às cartas a dinheiro, não tinham outro recurso senão entregarem-se aos jogos de amor.

Algumas pessoas maldosas que mofam da vida matrimonial talvez pudessem, neste caso, sugerir que o bom casal mais se assemelhava a dois adversários num combate de pugilismo no qual a fortuna não lhes sorria, e os patrocinadores escasseando, decidem cavalheirescamente enfrentar-se pelo mero prazer da pancadaria; e num certo sentido, de facto, esta comparação seria válida, uma vez que, tal como uma parelha de aventureiros no ringue depois faz passar um chapéu e confia na generosidade dos espectadores para o seu sustento, o Sr. Godfrey Nickleby e a *sua* noiva, tendo a lua-de-mel terminado, olharam pensativamente para o mundo, esperando a melhoria dos seus recursos com uma certa expectativa. Nessa época, o rendimento do Sr. Nickleby andava entre sessenta e oitenta libras *por ano*.

Há muita gente no mundo, como só Deus sabe, e até em Londres (onde o Sr. Nickleby morava nesses tempos), mas poucas razões de queixa da população. No entanto, é tão extraordinário quanto difícil descobrir o rosto de um amigo entre a multidão. Foi o que aconteceu ao Sr. Nickleby: olhou, olhou, até lhe doerem tanto os olhos como o coração, sem ver um único amigo, e, quando já estava cansado de procurar, voltou os olhos para casa e pouco viu que o confortasse da enfatiada visão. Um pintor que olhou demasiado tempo para uma cor intensa refresca a sua vista alumbrada fixando os olhos numa tonalidade

mais escura e sombria; mas tudo o que se deparava aos olhos do Sr. Nickleby assumia um tom tão carregado e soturno, que ele teria ficado indescritivelmente aliviado com o exacto oposto.

Por fim, passados cinco anos, quando a Sr.^a Nickleby presenteou o marido com um par de filhos e o embaraçado consorte se viu na necessidade de tentar uma pequena especulação comercial para prover as necessidades dos seus, caiu-lhe em casa uma carta tarjada de luto, informando-o de que o tio, o Sr. Ralph Nickleby, morrera, deixando-lhe os seus bens no valor de cinco mil libras esterlinas.

Uma vez que o falecido nunca prestara atenção ao sobrinho em vida – além de enviar ao filho mais velho do mesmo (que, por desesperada especulação, o baptizara com o nome do tio) uma colher de prata num estojo de marroquim, a qual, não tendo a criança muito para com ela comer, mais parecia uma espécie de sátira ao facto de ter nascido sem aquele útil talher na boca –, no início, o Sr. Godfrey Nickleby mal pôde acreditar na notícia recebida por aquele meio. Todavia, após devida investigação, a dita revelou-se estritamente correcta. Este velho senhor tão amável fizera primeiro um testamento a favor da Royal Humane Society, mas exasperado por esta instituição ter tido a infelicidade de salvar a vida de um parente pobre, por quem pagava três xelins e seis dinheiros de internamento semanal, revogou as suas disposições num codicilo, deixando tudo ao Sr. Godfrey Nickleby com uma menção especial da sua indignação não só contra a sociedade por ter salvo a vida do parente pobre, mas também contra o parente pobre, por ter consentido que lhe salvassem a vida.

Com uma parte destes bens, o Sr. Godfrey Nickleby comprou uma pequena herdade perto de Dawlish, no Devonshire, para aonde se retirou com a mulher e os filhos, vivendo do melhor juro que o restante dinheiro lhe proporcionava e da pequena produção da terra. E os dois prosperaram tão bem, que, pela sua morte, uns quinze anos depois deste período e cinco anos depois de a mulher ter falecido, deixou ao filho mais velho, Ralph, três mil libras em dinheiro, e ao mais novo, Nicholas, mil libras mais a herdade, se realmente se podia chamar herdade a um terreno daquela pequena dimensão.

Estes dois irmãos cresceram juntos numa escola em Exeter e, habituados a ir a casa uma vez por semana, ouviam muitas vezes dos lábios da mãe longos relatos sobre os sofrimentos do pai nos dias de pobreza e sobre a importância do falecido tio para a contribuição da época de

bem-estar, relatos esses que produziam uma impressão muito diferente nos dois irmãos: o mais novo, que era tímido e tinha uma predisposição para o isolamento, tirava daí conclusões para evitar o grande mundo e consagrar-se à rotina calma da vida campestre; Ralph, o mais velho, deduziu da repetida história estes dois grandes ensinamentos: que a riqueza é a única fonte verdadeira da felicidade e do poder, e, portanto, era justo e legal adquiri-la através de qualquer meio, exceção feita para a via do crime. E – pensava para consigo – se nada de bom viera do dinheiro do tio durante a sua vida, o caso agora era diferente e chegara à conclusão de que não havia nada como o dinheiro.

Não se limitando à teoria e não permitindo que as suas faculdades criassem ferrugem, ainda bastante jovem este rapaz promissor começou a especular na escola, numa escala limitada, obtendo um bom juro com um pequeno capital de giz e berlindes, estendendo gradualmente as suas operações até conseguir emprestar moedas de cobre aos seus companheiros, especulando com um êxito considerável. Nem sequer perturbava os clientes com números abstractos ou referências a cálculos rápidos; a sua simples regra de juro encontrava-se compreendida numa frase lapidar: «dois dinheiros por cada meio dinheiro», o que simplificava imensamente as contas, e, como preceito familiar, era mais facilmente retido na memória do que qualquer regra de aritmética conhecida, embora não fosse muito recomendável aos capitalistas, quer grandes, quer pequenos, que a estão a adoptar, hoje em dia com grande êxito.

De idêntico modo, o jovem Ralph Nickleby evitava todos aqueles cálculos minuciosos e intrincados de dias ímpares, os quais ninguém que tenha trabalhado com somas de juros simples pode deixar de considerar muito desagradáveis, ao definir como única regra geral que todas as quantias em dívida e juros deviam ser pagas no dia da semana, ou seja, ao sábado; e que quer o empréstimo tivesse sido contraído na segunda, quer na sexta-feira, o montante dos juros devia ser, em ambos os casos, o mesmo. E até argumentava, e com grande razão, que por um dia o juro devia ser um pouco superior a cinco, visto que se podia muito justamente presumir que, no primeiro caso, o mutuário estaria numa situação extrema, caso contrário não pediria emprestado em condições tão desfavoráveis. Este facto é interessante, visto que ilustra a ligação secreta e a simpatia que sempre existe entre grandes mentes. Embora Ralph Nickleby não estivesse na altura ciente

disso, a classe de cavalheiros à qual anteriormente se fez referência procede exactamente segundo o mesmo princípio em todas as suas transacções.

Por aquilo que acabámos de dizer sobre este jovem cavalheiro, e considerando a admiração natural que o leitor terá de imediato pelo seu carácter, poder-se-ia inferir que seria ele o herói do livro que acabámos de começar. Para esclarecer este ponto de uma vez por todas, apressemo-nos a ignorá-los e avancemos até ao início.

Por morte do pai, Ralph Nickleby, que algum tempo antes estivera empregado numa casa mercantil em Londres, dedicou-se apaixonadamente à sua velha ambição de ganhar dinheiro e de tal maneira se absorveu nela, que, durante muitos anos, se esqueceu completamente do irmão; e se às vezes uma lembrança do seu antigo companheiro de brincadeiras irrompia nele através da névoa em que vivia — porque o ouro envolve um homem numa bruma que, mais do que os vapores do carvão, lhe destrói todos os sentidos e lhe entorpece os sentimentos —, essa lembrança trazia por companhia a ideia de que, se eles fossem íntimos, ele havia de querer pedir-lhe dinheiro emprestado. Assim sendo, o Sr. Ralph Nickleby encolheu os ombros e disse que as coisas estavam melhores assim.

Quanto a Nicholas Nickleby, depois de viver solteiro durante algum tempo, sentiu-se aborrecido com a sua solidão e casou com a filha de um vizinho que lhe trouxe um dote de mil libras. Esta boa senhora deu-lhe dois filhos, um rapaz e uma rapariga, e quando o rapaz tinha cerca de 19 anos e a rapariga cerca de 14, tanto quanto podemos saber — antes da promulgação da nova lei, registos imparciais respeitantes à idade das donzelas não sendo preservados nos cartórios públicos de parte alguma deste país — o Sr. Nickleby foi obrigado a procurar meios para recuperar as reduções do capital, provenientes do aumento da família e das despesas da sua educação.

— Especula como ele — aconselhou a Sr.^a Nickleby.

— Espe...cu...lar, minha querida? — estranhou o Sr. Nickleby.

— Sim — insistiu ela.

— Porque, minha querida, se *perdêssemos* — respondeu o Sr. Nickleby, que era ao mesmo tempo vagaroso e vagaroso nas respostas —, se *perdêssemos* não teríamos com que viver, minha querida.

— Que tolice! — sentenciou a Sr.^a Nickleby.

— Não me parece, minha querida — retorquiu o Sr. Nickleby.

— Temos o Nicholas, que está quase um homem, e é tempo de começar a fazer alguma coisa por si próprio, e a Kate, pobre rapariga, sem um *penny* neste mundo! Pensa no teu irmão! Seria o que é hoje se não tivesse especulado?

— É verdade — replicou o Sr. Nickleby. — Muito bem, querida. Sim, *especularei!*

A especulação é como o jogo da roleta; os ganhos e as perdas podem ser grandes. Os jogadores sabem muito pouco ou quase nada acerca das cartas que têm nos primeiros anos; os ganhos podem ser grandes, mas as perdas também. A roda da fortuna foi desfavorável ao Sr. Nickleby. Prevaleceu a mania, rebentou a bomba, quatro corretores de fundos arranjaram vilas em Florença e quatrocentos anónimos ficaram arruinados, entre os quais o Sr. Nickleby.

— Até a casa em que vivo — suspirou o pobre homem — me pode ser retirada amanhã. Nem uma peça dos meus móveis antigos deixará de ser vendida a estranhos!

Esta última reflexão feriu-o tanto, que teve de se meter na cama, claramente decidido, em todo o caso, a conservar a casa.

— Ânimo, senhor! — aconselhou o boticário.

— Não se deve deixar abater! — sentenciou a ama.

— Coisas destas acontecem todos os dias — observou o advogado.

— Além disso, é pecado rebelarmo-nos contra o destino! — murmurou o pároco.

— E nenhum homem de família deve fazê-lo! — acrescentaram os vizinhos.

O Sr. Nickleby abanou a cabeça e, convidando-os a sair do quarto, caiu exausto na sua almofada, depois de abraçar a mulher e os filhos, um de cada vez, de encontro ao seu coração, que batia debilitado. Pareceu-lhes que o juízo dele variava, evocando e comentando a generosidade e a bondade do irmão, e os bons velhos tempos em que iam juntos para a escola. Esta lembrança de um passado longínquo levou-o a recomendar-se solenemente Àquele que nunca desampara as viúvas e os órfãos. E sorrindo gentilmente, voltou a cara e resolveu dormir.

Capítulo II

O Sr. Ralph Nickleby não era propriamente o que se podia chamar um negociante, um banqueiro, um procurador, um advogado ou um notário. Não era, certamente, um comerciante e tornava-se impossível atribuir-lhe qualquer profissão conhecida. No entanto, como vivia numa casa espaçosa de Golden Square, tendo, além da chapa de bronze na porta da rua outra mais pequena sobre a entrada de serviço da esquerda com a inscrição «Escritório», era evidente que o Sr. Ralph Nickleby fazia, ou pretendia fazer, negócios de qualquer género, e, de facto, durante o dia, entre as nove e meia e as cinco, um homem pálido estava sentado num banco tosco, numa espécie de despensa ao fundo do corredor, sempre com uma pena atrás da orelha quando atendia a campainha.

Embora alguns membros das profissões mais sérias vivam perto da Golden Square, esta não se situa propriamente no caminho de ninguém que vá ou venha seja de aonde for. É uma daquelas praças que passaram ao pretérito, uma parte da cidade que se foi degradando e enveredou pelo arrendamento. Muitos dos primeiros e dos segundos andares das casas da Golden Square eram arrendados com mobília a cavalheiros solteiros, que faziam as refeições fora. Viviam ali muitos estrangeiros. Os homens de tez escura que usam anéis grandes, pesadas correntes de relógio e fartas patilhas, e que se ajuntam na Opera Colonnade e nas proximidades da bilheteira durante a temporada, entre as quatro e as cinco da tarde, altura em que os pagamentos são distribuídos, todos vivem na Golden Square, ou a uma rua de distância. Dois ou três violinos e um instrumento de sopro da orquestra da ópera residem ali. As pensões são musicais, e as notas de pianos e harpas pairam ao anoitecer em torno da cabeça da estátua lúgubre, génio guardião de um pequeno emaranhado de arbustos que ocupa o centro da praça. Nas noites de Verão, as janelas abrem-se de par em par e qualquer

transeunte pode ver grupos de homens morenos de bigode reclinados à janela e a fumar como chaminés. Sons de vozes graves que ensaiam música vocal invadem o silêncio da noite e o fumo de bons tabacos perfuma o ar. Ali, rapé, charutos e cachimbos alemães dividem a supremacia com flautas, violinos e violoncelos. É a área do canto e do fumo. As bandas de rua metem-se em brios na Golden Square e os pequenos orfeões itinerantes tremulam involuntariamente ao elevar a voz nos limites daquele recinto.

Este lugar não parecia muito indicado para transacções comerciais, mas o Sr. Ralph Nickleby vivia ali há muitos anos e não se queixava. Não conhecia ninguém, nem ninguém o conhecia; no entanto, gozava da reputação de ser imensamente rico. Os negociantes tinham-no por uma espécie de homem de leis e os vizinhos julgavam-no um agente comercial, porém, nem uns, nem outros, sabiam ao certo.

Uma manhã, o Sr. Ralph Nickleby estava sentado no escritório, pronto para sair. Vestia um sobretudo curto verde-garrafa por cima de um casaco azul, colete branco e calças cinzentas, calçando botas de militar. Ostentava uma grande corrente de ouro formada por argolas grossas, que prendia um relógio também de ouro, com duas chaves, uma pertencendo ao relógio e outra a algum cadeado de segredo. Usava a cabeça empoadada, como que para aparentar benevolência, e, caso fosse esse o seu propósito, talvez tivesse feito melhor em empoar também o semblante, pois havia algo nas rugas do dito e no seu olhar frio e inquieto que parecia denunciar uma astúcia patente quer ele quisesse, quer não. Seja como for, ali estava ele e, como se encontrava sozinho, nem o pó, nem as rugas, nem os olhos tinham o menor efeito, bom ou mau, sobre qualquer pessoa naquele momento, e, como tal, não nos dizem respeito nesta ocasião.

O Sr. Nickleby fechou um livro de contabilidade que estava em cima da secretária e recostou-se na cadeira com um ar distraído, contemplando, pela janela empoeirada, algumas casas de Londres e terrenos melancólicos por detrás delas, geralmente cercados por quatro muros altos caiados e objecto do olhar reprovador de uma bateria de chaminés, no qual, ano após ano, definha uma árvore estropiada que faz questão de exhibir algumas folhas no fim do Outono, quando as outras perdem as suas, e, vergada sob o esforço, ali fica, toda estalada e seca pelo fumo, até à estação seguinte, altura em que repete o mesmo processo, e talvez, se o tempo estiver particularmente agradável, até

tente convencer algum pardal reumático a chilrear nos seus ramos. Há quem por vezes chame «jardins» a estes quintais escuros; não se supõe que tenham sido plantados, mas sim que sejam pedaços de terra não cultivada, sendo a sua vegetação ressequida a que sobrou depois de o terreno original ser aproveitado para o fabrico de tijolos. Homem algum pensa em passear-se naquele lugar desolado, nem em fazer dele seja o que for. Alguns cestos, meia dúzia de garrafas partidas e lixo que podem ser para lá atirados, quando o inquilino ali se instala pela primeira vez, mas nada mais, e lá ficam até que ele se vá embora de novo: palha húmida que demora a apodrecer o tempo que considera apropriado, misturada com raros caixotes, ervas raquílicas que nunca perdem o seu tom castanho e vasos de flores partidos e pesarosamente espalhados em redor, presas da fuligem e da sujidade.

Era um lugar desta natureza que o Sr. Ralph Nickleby contemplava, sentado com as mãos nos bolsos, a olhar pela janela. Fixara o olhar num abeto retorcido, plantado por algum ex-inquilino numa selha que em tempos fora verde e ali deixada, anos antes, a apodrecer aos poucos. Não havia nada de muito convidativo no objecto, mas o Sr. Nickleby estava completamente abstraído em devaneios e ali ficou sentado, a contemplá-lo com muito mais atenção do que, estivesse ele mais consciente, se teria dignado a prestar à mais rara peça exótica. Por fim, os seus olhos vaguearam até uma janelinha encardida à esquerda, através da qual era vagamente visível a cara do escrivão; quis o acaso que o dito erguesse a cabeça e ele fez-lhe entender que lhe queria falar.

Obedecendo a esta convocatória, o escrivão desceu do banco alto (ao qual havia transmitido um elevado polimento de tanto subir e descer do mesmo) e apresentou-se na sala do Sr. Nickleby. Era um homem alto, de meia-idade, com dois olhos arregalados, um dos quais fixo, nariz rubicundo, rosto cadavérico e várias peças de roupa já muito usadas, demasiado pequenas e seguras por um número tão reduzido de botões, que era espantoso ele sequer conseguir mantê-las no corpo.

— Já é meio-dia e meia, Noggs? — perguntou o Sr. Nickleby, numa voz incisiva e áspera.

— Não é mais do que meio-dia e vinte e cinco pelo... — relógio da taberna, ia acrescentar Noggs, mas arrependendo-se substituiu —, pelo Sol...

— O meu relógio parou — lamentou-se o Sr. Nickleby — e não sei por que motivo.



As crianças junto à sepultura do primo.